



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ - UESC
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO E DOUTORADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

ADEOBLANDINO RICARDO DOS SANTOS NETO
MARIA ELIZABETE SOUZA COUTO

STORYTELLING: Uma proposta metodológica ativa para o incentivo à leitura

ILHÉUS -BAHIA

2024

ADEOBLANDINO RICARDO DOS SANTOS NETO

MARIA ELIZABETE SOUZA COUTO

STORYTELLING: Uma proposta metodológica ativa para o incentivo à leitura

Produto Educacional da pesquisa **A LEITURA EM SALA DE AULA E A METODOLOGIA DO STORYTELLING:** uma experiência com alunos do 5º ano apresentado ao Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado Profissional em Educação – PPGE, da Universidade Estadual de Santa Cruz, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Formação de Professores e Práticas Pedagógicas.

**ILHÉUS-BAHIA
2024**

S237

Santos Neto, Adeoblandino Ricardo dos.

Storytelling: uma proposta metodológica ativa para o incentivo à leitura / Adeoblandino Ricardo dos Santos Neto, Maria Elizabete Souza Couto. – Ilhéus, BA: UESC, 2024.

19f.: il.

Produto educacional da Pesquisa Desenvolvido como parte da dissertação do Programa de Pós-Graduação do Mestrado e Doutorado Profissional em Educação – PPGE, da Universidade Estadual Santa Cruz

Inclui referências.

1. Língua portuguesa. 2. Linguística aplicada. 3. Hábito de leitura. I. Couto, Maria Elizabete Souza. II. Título.

CDD 469.5

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO.....	5
2	SEQUÊNCIA DIDÁTICA: o <i>Storytelling</i> como ferramenta de metodologia ativa para o ensino de leitura na sala de aula	6
2.1	O que é uma sequência didática?	8
2.2	A sequência didática, <i>Storytelling</i> e o gênero romance	9
2.2.1	O primeiro momento	12
2.2.2	O segundo momento	15
2.2.3	O terceiro momento	16
2.3	Avaliação.....	18
	REFERÊNCIAS.....	18

1 APRESENTAÇÃO

Caros colegas,

Esta sequência didática é resultado de uma pesquisa intitulada “**A LEITURA EM SALA DE AULA E A METODOLOGIA DO STORYTELLING**: uma experiência com alunos do 5º ano” desenvolvida no Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado Profissional em Educação/PPGE, da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

É inegável a importância do mundo da leitura para a formação de nossos alunos e leitores. Por isso, acreditamos que seja necessário oportunizar, ainda mais, momentos de leitura em nossas salas de aulas com o intuito de desenvolver o gosto pela leitura, embora, admitimos que, nos dias atuais, não tem sido tarefa fácil.

Também é inegável que uma boa história é capaz de prender atenção e despertar a curiosidade de todos. Nessa perspectiva, o *Storytelling*, ou arte de contar história, tem se mostrado um importante aliado do professor em sala de aula, pois, possibilita transformar o ensino de leitura mais significativo e cativante para nossos alunos ao criar conexão entre professor, educando e o conteúdo estudado.

Sob este prisma, objetivamos apresentar situações de leituras para o desenvolvimento da competência leitora dos educandos com a utilização do *Storytelling* como metodologia ativa de ensino. Para isso, apresentamos uma sequência didática a ser utilizada com educandos do último ano dos Anos Iniciais.

Esta sequência didática não visa ser um instrumento normativo, nem tampouco apresentar fórmulas mágicas ou receitas infalíveis, mas, humildemente, contribuir com os colegas que buscam, assim como nós, desenvolver nossas práticas de leitura para formação leitora de nossos educandos.

Forte Abraço!

Adeoblandino Ricardo dos Santos Neto
Maria Elizabete Souza Couto

2 SEQUÊNCIA DIDÁTICA: o *Storytelling* como ferramenta de metodologia ativa para o ensino de leitura na sala de aula

É notória a importância da leitura na formação do sujeito. Desde a mais tenra idade o sujeito tem acesso ao ambiente escolar, seja por mediante filmes, narrativas orais, linguagens não verbais, ou, ainda, por meio da literatura. Este contato, por sua vez, contribui para o desenvolvimento da imaginação, provocando-lhe dispares experiências e sentimentos.

Na sala de aula, os educandos têm a possibilidade de ter contato com diversas ações ligadas ao mundo da leitura. Todos os componentes curriculares estão dispostos a estes, por meio da leitura. Desta forma, as discussões acerca da formação leitora dos educandos tem sido tema de debate nas instituições escolares, nos ambientes acadêmicos.

Em muitos destes casos, a necessidade de desenvolvimento de ações de incentivo à leitura e de desenvolvimento da capacidade leitora em sala de aula estão sempre temas presente. Nessa perspectiva, de acordo com Solé (1998), as atividades desenvolvidas em sala de aula têm grande importância na relação entre o sujeito e o mundo da leitura.

Sendo assim, é imperativo o desenvolvimento de ações que possibilitem aos aprendizes o contato com o mundo da leitura. Para isso, Kleiman, (2004) sugere a criação de estratégias pelo professor para a promoção dos momentos de leitura em sala de aula.

De acordo pesquisas dos Órgãos do Governo Brasileiro, em torno de 14,6 milhões de brasileiros, ainda, não sabem ler e nem escrever. Quando olhamos a população total, 203.062.512 milhões, segundo o último Censo (Brasil, 2022), é quase um décimo de todos os brasileiros.

Mesmo sendo a grande maioria alfabetizada, é constante encontrar docentes reclamando que seus educandos não praticam a leitura regularmente. Fato muito preocupante considerando a leitura tão necessária para o exercício pleno da cidadania.

São vários os autores que apresentam dados referentes a dificuldade que a educação brasileira enfrenta no que tange à formação leitora dos jovens. É fragante em nossas salas de aulas encontrarmos educandos que não conseguem

compreender o que leem. Neste cenário, é de fundamental importância que nós professores reflitamos sobre nossa prática pedagógica, com isso, conseguindo aperfeiçoar nossas metodologias e técnicas de ensino, fomentar um olhar crítico e consciente de nosso papel no processo de ensino.

Ao desenvolver um olhar crítico sobre nossa prática pedagógica, podemos buscar soluções para questões observadas, estimular metodologias que possam promover em nossos educandos seu aperfeiçoamento na construção da competência leitora e habilidades na leitura, interpretação de diferentes gêneros textuais, como também, sua escrita.

Recentemente, as discussões acerca do trabalho com gêneros textuais na sala de aula vêm ganhando, cada vez mais, espaço, como forma de promover o gosto pela leitura, a pesquisa e a escrita. No entanto, cabe salientar que ao promover o letramento literário, deve-se ter em voga que a leitura promovida pela escola não deve se ater àquela da decifração de códigos, tão criticada por Freire (1983), uma das características da educação bancária, “desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e educador o depositante” (Freire, 1987, p. 37), mas a de mundo, pois para o autor, para uma boa compreensão da leitura, esta deve estar relacionada a um contexto (Freire, 1994).

Mesmo Freire não utilizando o vocábulo “letramento”, mas alfabetização, o autor sugere uma nova forma de lecionar, como também de aprender, alicerçados nas experiências dos próprios aprendizes, com isso, produzindo novos significados e novos saberes.

Para Freire (1994), a leitura é um meio no qual o educando pode tomar consciência de sua realidade, com isso, desenvolvendo sua consciência de forma crítica, o que seria uma forma de libertação. Sendo assim, o autor sugere a confecção de temas geradores ligado a própria realidade do sujeito, o que tornaria uma ferramenta facilitadora de aprendizagem, em função de permiti-lhes melhor compreensão.

Logo, torna-se um campo fértil a utilização do contexto dos próprios educandos para o planejamento das aulas de leitura e escrita, promover situações que os levem a investigar suas realidades, o que lhe permitirá refletir e transformar. Desta forma, a pesquisa torna-se uma ação para tornar significativo o conteúdo estudado, como o próprio Freire (1996) propõe que o ensino e a pesquisa devem ser indissociáveis, pois, coexistem. Mas para concretização dessa coexistência, é preciso que nós professores

planejemos nossas aulas com este intuito, além da participação de todos os envolvidos nos processos de ensino e aprendizagem.

Além disso, o *Storytelling* – ferramenta de metodologia ativa de ensino – tem se mostrado um importante aliado no incentivo ao desenvolvimento do hábito da leitura. Dessa forma, Xavier (2015) sugere que esta ferramenta tem como foco a transmissão de um pensamento, criar um vínculo emocional, uma mensagem, uma relação entre a narrativa e seus interlocutores.

Embora, segundo Mcsill (2017), esta ligação só acontece quando a história narrada contenha um personagem simpático, que provoque afinidade com o interlocutor, além de ter um objetivo claro, um desafio, que lhe possibilite tornar-se um ser melhor, assim conseguindo admiração de todos.

Saiba mais

Para aprofundar seus conhecimentos sobre a utilização do *Storytelling* em suas aulas e torná-las mais dinâmicas e significativas, o livro ***Storytelling: histórias que deixam marcas***¹, de Adilson Xavier (2015) vai te ajudar nesse desafio.

2.1 O que é uma sequência didática?

Ao mediarmos o componente curricular de língua portuguesa para nossos educandos, é necessário termos a compreensão que, muito mais, que nomenclaturas gramaticais, é preciso criarmos situações comunicacionais de modo ajudá-los a compreender as dispares práticas sociais existentes.

Nos dias atuais, as pessoas estão expostas a uma grande diversidade de textos, nos mais díspares suportes, nos mais diferentes tipos de escrita, assim, exigindo, para sua compreensão, novos saberes para confecção do seu significado, segundo Rojo (2012).

Diante deste cenário, nós professores devemos fazer uso de práticas pedagógicas que melhor se adaptam a cada conteúdo, além disso, cada educando é um ser único, cada um com suas particularidades e necessidades, desta forma, exigindo, ainda mais, de nós professores uma diversidade maior de práticas de sala

¹ XAVIER, Adilson. ***Storytelling: histórias que deixam marcas***. Editora Best Seller, 2015.

de aula para que possamos alcançar a todos os educandos. Neste sentido, a sequência didática pode constituir-se um importante aliado no desenvolvimento de nossas aulas, pois nos auxilia mostrando o caminho a seguir para atingirmos nossos objetivos traçados em nosso planejamento.

De acordo com Zabala a sequência didática é “um conjunto de atividades ordenadas estruturadas e articuladas para realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecido tanto pelos professores como pelos alunos” (1998, p. 18). Nesse mesmo sentido, Dolz e Schneuwly pontuam como: “conjunto de atividades escolares organizada, de maneira sistemática em torno de um gênero textual oral ou escrito (2004, p. 82).

Saiba mais

Para conhecer ainda mais sobre Sequências Didáticas, leia o livro **Gêneros Oraís e Escritos na Escola**², de Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz (2004).

2.2 A sequência didática, *Storytelling* e o gênero romance

Durante muito tempo, em nossas escolas imperou-se um ensino essencialmente tradicional, no qual baseia-se na figura do professor, de posse de suas definições e conceitos, e o educando, a quem cabia absorvê-los e reproduzi-los. O professor era o cerne do processo. Esta concepção de ensino, foi bastante criticada por Paulo Freire (1987, p. 80), que a definia como “o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos”. Além disso, a chamava como “educação bancária”. Sobre a importância do ensino de gênero textuais, Coscarelli advoga que:

A gramática tradicional era o foco do ensino de Português, depois de muitos anos de estudos e de pesquisas, verificou-se que ter o ensino da nomenclatura tradicional como prioridade não ajudava o estudante a se tornar um bom leitor e um bom escritor (2007, p. 81).

Nesta concepção, o educando era visto como sujeito passivo, apenas como um receptor do conhecimento transmitido, sem questionamentos. Dessa forma, Freire a definiu como uma concepção de ensino em que “os educandos são os depositários e o educador, o depositante” (1987, p. 80).

² DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004

Como forma de superar esta, Freire (1987, p. 96), enfatizava a importância de desenvolver na sala de aula uma espécie de educação problematizadora: “o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa”.

O professor que desenvolve uma educação problematizadora em sala de aula, oferece a seus educandos a possibilidade de refletir acerca de seu contexto e, a partir de então, sente-se incitado a desenvolver um senso crítico sobre o tema e busca possíveis soluções ou, ainda, transformá-lo. O desenvolvimento do senso crítico dos educandos é muito importante, haja vista, possibilitar a tomada de consciência, assim, libertando-o,

Sobre a necessidade de superação deste ensino tradicional, acredita-se ser necessária mudança de atitude do professor ao planejar sua aula, desta forma Lévy (1999) chama atenção a importância de desenvolver um exercício que possibilite ao educando o desenvolvimento da pesquisa nas práticas educativas. O que ajudará na valorização do aluno, na sua subjetividade e a forma de ver o mundo que o cerca criticamente. Nesse mesmo sentido, Martins (2007, p. 78) sugere que:

A criança tem paixão inata pela descoberta e por isso convém não lhe dar a resposta ao que não sabe, nem a solução pronta a seus problemas; é fundamental alimentar-lhe a curiosidade, motivá-la a descobrir as saídas, orientá-la na investigação até conseguir o que deseja.

Contudo, é preciso que nós, professores, tenhamos, também, uma atitude investigativa. Tal postura se realiza quando este respeita o contexto de seus educandos, a cultura que o cercam, quando faz um diagnóstico, o que lhe permitirá conhecer o que eles já dominam. Desta forma, possibilitando refletir sobre sua prática e adequá-la a real necessidade dos alunos.

Nota-se que neste tipo de abordagem, a responsabilidade do aprendente é maior, haja vista, além de ter participação ativa em sua aprendizagem, visto que não se permite mais aquele sujeito passivo da educação bancária, pois, além de refletir, avaliar, se faz necessário, também, tomada de decisões e, por consequência, posicionamentos.

Junta-se a isso, é importante salientar que para se formar um cidadão crítico, a escola deve possibilitá-lo o acesso a diversos textos, nas mais dispareas situações comunicacionais. Para isto, a utilização do conceito de tipos e gêneros textuais é fundamental, como advoga Bakhtin (2003, p. 285):

Quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade, refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso.

Isso decorre pelo fato que é necessário trazer o contexto, não somente, de produção, mas, também, de recepção, pois ao produzir, o educando aprendente deve saber para quem está produzindo, o conteúdo e, também, o objetivo da produção. Além do mais, desenvolver o planejamento da aula, segundo Zabala (1998, p. 93), o professor, ao elaborar uma sequência didática, deve adaptar o conteúdo a ser trabalhado, as reais necessidades de seus aprendentes, além do levar em conta os possíveis conflitos.

Desta forma, elegemos como objetivo desta sequência didática:

Geral	➤ Apresentar situações leituras para o desenvolvimento da competência leitora dos educandos.
Específicos	➤ Ler e produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto produção e circulação; ➤ Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor e, mais tarde, de maneira autônoma, textos narrativos de maior porte como contos (populares, de fadas, acumulativos, de assombração etc.) e crônicas; ➤ Ler e compreender, de forma autônoma, textos literários de diferentes gêneros e extensões, inclusive aqueles sem ilustrações, estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores. Localizar informações explícitas em textos ➤ Fazer uso do <i>Storytelling</i> como ferramenta de metodologia ativa de ensino no incentivo ao hábito da leitura

Fonte: Elaborado pelo pesquisador (2024)

Esta sequência é destinada para educandos do último ano dos Anos Iniciais, 5º ano. O gênero textual escolhido para o desenvolvimento desta sequência didática foi com o romance de Érico Veríssimo, *As aventuras de Tibicuera: que são também as do Brasil* (1976), com o seu primeiro capítulo, denominado: Nasci. Vale salientar que essa escolha foi para um público específico em uma situação específica. O professor é livre para adequar este modelo de sequência, a leitura segundo a necessidade de seus educandos.

Como forma de organização, a sequência estará dividida em três momentos: o antes, o durante e o depois da leitura.

2.2.1 O primeiro momento

É o planejamento do professor para trabalhar a leitura escolhida para seus educandos, sendo assim, precisa-se adequar a leitura a ser trabalhada com a técnica o *Storytelling*. Neste sentido, Vogler (2006) sugere a utilização de uma estrutura narrativa dividida em 12 estágios, denominada de “Jornada do herói”, na qual representa a figura de um personagem em sua zona de conforto, que mediante um desafio, é obrigado a vencê-lo, para assim voltar ao seu local de origem, como poderemos ver a seguir:

Figura 1- Jornada do Herói



Fonte: Franco (2019)

Além disso, como forma de colaborar os educandos para a compreensão da leitura, Solé (1998) sugere algumas reflexões que podem ser realizadas pelo professor, as quais indicaremos, para o desenvolvimento desta sequência didática antes do momento da leitura: “ideias gerais; motivação para a leitura; objetivos da leitura; revisão e atualização do conhecimento prévio; estabelecimento de previsões sobre o texto e formulação de perguntas sobre ele” (1998, p. 120).

As ideias gerais versam, segundo a autora, acerca da concepção que o professor tem sobre leitura, pois, mediante esta, desenvolverá atividades com seus educandos em relação a leitura. Desta forma, vale salientar que a concepção adotada nesta sequência é com foco na interação autor-texto-leitor, pois concebemos os sujeitos, seus comunicacionais e seus conhecimentos adquiridos por suas

experiências de mundo como parte importante do processo de interação e atribuição de sentido.

Quanto a motivação da leitura, segundo Sole (1998), duas motivações são essenciais para o desenvolvimento do interesse pela leitura: a primeira, o desafio, e a segunda, a criação de laços afetivos do leitor com a história lida. Pois, o leitor desenvolve interesse pelo que lhe desperta mais atenção, além disso, é preciso ensinar aos educandos como desenvolver estratégias de leitura para alcançar uma melhor compreensão. Nesse prisma, a utilização do *Storytelling* exerce grande influência tanto na criação de desafios, como também, na criação de laços afetivos entre a leitura e o seu leitor (Xavier, 2015).

No que tange aos objetivos da leitura, que vão variar de acordo a leitura trabalhada, Solé (1998) chama atenção a necessidade da clareza, pois determinará a forma como o leitor deve estar diante do ato de ler e a sua compreensão. Outra ação necessária, segundo a autora supracitada, é a revisão e a atualização dos conhecimentos prévios do educando, mas, para isso, deve-se perguntar quais as experiências vividas pelos seus educandos, além de ter consciência que essa resposta não será homogênea.

Outra reflexão necessária para elaboração de uma sequência didática, de acordo com a autora, é a de como ajudar os educandos a estabelecer previsões acerca da leitura a ser trabalhada, o que tornará a leitura mais desafiante, visto que estas previsões podem variar de acordo com as experiências subjetivas de cada um.

E, por fim, a promoção das perguntas relacionadas ao texto. Ao formular perguntas/questionamentos, os educandos lançam mão de seus conhecimentos prévios. Dessa forma, conscientizam acerca do que já sabem e não sabem sobre o conteúdo, além disso, o professor pode aproveitar este momento para avaliá-los e realizar suas intervenções (Solé, 2008).

Tempo 1h/a

Nessa sequência, utilizaremos a história do indígena Tibicuera e como conseguiu presenciar a história do Brasil mesmo antes da chegada dos portugueses, até mesmo, antes da chegada dos portugueses, mas para isso, foi utilizada a jornada do herói. Dessa forma, na introdução do *Storytelling*, como momento da descrição do ambiente, falar sobre o protagonista, seus valores, antes mesmo que suas ações,

além do universo da figura de um herói como protagonista da narrativa, da aventura. Em seguida, abrir espaços para que os alunos participassem deste momento, incentivando o levantamento de hipóteses e seus questionamentos.

Então, falamos de alguns dos acontecimentos que se passaram desde o início da chegada dos portugueses ao Brasil até os dias atuais para que os educandos tivessem a real dimensão de tempo decorrido. Em seguida, questionamos se seria possível um ser humano viver tanto tempo. Todos afirmaram que seria impossível. Mas quando perguntados como Tibicuera teria conseguido, muitas foram as hipóteses:

“Acho que ele era mágico” (Al. Urso).

“Não tenho certeza, mas acho que Tibicuera era lobisomem” (Al. Borboleta).

“Ele enganou a morte, professor” (Al. Sabiá).

Tais hipóteses apresentam conhecimentos que são construídos em filmes, desenhos animados, outras histórias etc.

Na segunda parte, a apresentação do desafio que é imposto a Tibicuera: o personagem queria nunca morrer. Então, vem os dilemas e conflitos, a busca da superação de seus limites. Novamente, após a apresentação do desafio, o professor deve abrir espaço para as falas dos educandos e suas dúvidas. Incentivar a participação. Perguntar, por exemplo, se já leram ou ouviram alguma outra história parecida; levantar hipóteses como Tibicuera tentaria superar o desafio... Neste instante, a maioria permaneceu calado, mesmo com as indagações do pesquisador, poucas as hipóteses levantadas:

“Ele vai procurar uma fonte da juventude” (Al. Sabiá).

“Também acho que ele vai beber uma água da juventude” (Al. Borboleta).

E, por fim, a terceira parte de nosso *Storytelling*: a superação do desafio e as consequências de sua vitória. Tibicuera obtém o caminho da eternidade, mas como isso irá alterar o restante de sua vida? Como vai alterar suas relações pessoais? Então, abrimos espaço para a participação dos aprendizes. Será que as hipóteses levantadas foram confirmadas? Qual aprendizado que ficou para eles?

Nesta hora, os educandos perceberam que nenhuma das hipóteses, por eles levantadas, se confirmaram. A forma como o herói conseguiu atingir seu objetivo, assim vencendo o desafio surpreendeu a todos eles. Mas longe de ser frustrante, muito pelo contrário, o final provocou um verdadeiro frisson na sala de aula.

“Nunca imaginei que ele conseguiria ser eterno desse jeito” (Al. Borboleta).

“Assim, não vale. Desse jeito, acho que ele não conseguiu” (Al. Leão).

“Gostei que ele deu moral para os filhos” (Al. Pássaro Preto).

Quando questionados sobre o que eles aprenderam com a história, destacamos:

“As pessoas falam que eu pareço com meu pai, quando crescer quero ser igual a ele” (Al. Sabiá).

“Aprendi que os filhos carregam os sonhos dos pais” (Al. Besouro).

“Minha mãe diz para eu estudar para eu não trabalhar na roça igual ela” (Al. Cavalo).

2.2.2 O segundo momento

É a hora que a criança tem contato com a história original. Em nosso caso, o primeiro capítulo do livro ***As aventuras de Tibicuera: que são também as do Brasil (1976)***. No entanto, antes da leitura, incentivei os educandos a levantarem hipóteses em relação ao título da obra: Aventuras de Tibicuera e aventuras do Brasil? Qual significado do nome Tibicuera? O que eles sabem sobre os indígenas? Vocês já conversaram com seus pais como foi o seu nascimento?...

Tempo 1 h/a

No início da atividade, os participantes da pesquisa tiveram acesso ao livro em questão, dessa forma, puderam observar que a sua capa havia a imagem de um indígena, o que facilitou o levantamento de hipótese. Quando questionados em relação ao significado no nome Tibicuera, ninguém conseguiu acertar. Destacamos algumas hipóteses levantadas:

“Acho que é grande guerreiro” (Al. Borboleta).

“Cobra de cavanhaque” (Al. Periquito).

“Acho que é índio brasileiro” (Al. Gatinha).

A seguir, solicitei uma leitura silenciosa. Este momento, segundo Colomer (2007, p. 125), é de muita importância para o desenvolvimento do educando, considerando que “a leitura autônoma, continuada, silenciosa, de gratificação imediata e livre escolha, é imprescindível para o desenvolvimento das competências leitoras”.

Posteriormente, aconteceu o momento da leitura em voz alta e individual. Cosson (2020) sugere que tanto o leitor como seu ouvinte compartilham interesse pelo mesmo texto, o que os auxiliam na interação social. Após a leitura, é chegado o momento de compartilharem suas impressões sobre a experiência literária, mas para que ocorra, satisfatoriamente, a mediação do professor é fundamental.

O momento de compartilhamento é importante para o ensino de estratégias de leitura, pois promove aos educandos novas previsões em relação à leitura, o que, conseqüentemente, lhes possibilitam agregar novas informações aos seus conhecimentos anteriores a leitura. Em conformidade com Solé (1998), indicamos a utilização de quatro estratégias: resumir, solicitar esclarecimento em relação ao que foi lido e, por fim, prever. Embora, seja preciso enfatizar que não é obrigatória a sequência das estratégias conforme o interesse dos educandos.

O uso de tais estratégias ao planejar e desenvolver sua sequência didática possibilita a compreensão do que os educandos terão acerca da leitura, sobre sua ideia principal e como chegar a esse entendimento. Desta forma, planejamos esta sequência de leitura com utilização da metodologia ativa do Storytelling de forma a possibilitar que o educando faça uso dessas estratégias de forma consciente.

2.2.3 O terceiro momento

É o que necessitará de maior disponibilidade de tempo. É importante que o professor proporcione atividades que desenvolva o espírito investigativo e argumentativo nos educandos. Dessa forma, o professor discorrerá sobre a importância das memórias familiares e de escrevê-las para não cair no esquecimento.

2.3 Avaliação

Ocorrerá um momento de escuta dos participantes e suas impressões sobre as atividades realizadas. Neste momento, os educandos devem demonstrar assimilação do conteúdo trabalhado, fazendo relação com situações do cotidiano e das suas aprendizagens já construídas, bem como proporcionar um momento de leitura, em sala de aula, tendo como foco a relação autor-texto-leitor.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal** [tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira revisão da tradução Marina Appenzellerl. — 2' cd. — São Paulo Martins Fontes, 2003.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 29ª. ed. S. Paulo: Cortez, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 15ª ed. São Paulo; Paz e Terra, 1996.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: teoria & prática**. 10. ed. Campinas: Pontes, 2004.

MARTINS, Jorge Santos. **O trabalho com projetos de pesquisa: do ensino fundamental ao ensino médio**. 5 ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.

MCSILL, James. **5 Lições de Storytelling: o best-seller**. São Paulo: DVS Editora, 2017.

ROJO, Roxane. **Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola**. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. (Orgs.). **Multiletramentos na Escola**. SP. Parábola Editorial, 2012.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Tradução: Claudia Schilling; revisão técnica: Maria da Graça Souza Horn. — 6. ed. — Porto Alegre: Penso, 1998.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002

WERNECK, Cláudia. **Ninguém mais vai ser bonzinho na sociedade inclusiva**. Rio de Janeiro: WVA, 2001.

XAVIER, Adilson. ***Storytelling***: histórias que deixam marcas. Editora Best Seller, 2015.

ZABALA, Antoni. **A prática Educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Artmed. 1998.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da Recepção e História da Literatura**. São Paulo: Ática, 1989.